



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**SUELLEN DA SILVA**

**FEIO É SÓ QUESTÃO DE OPINIÃO: A DESCONSTRUÇÃO DO IDEAL  
DE BELEZA NO FILME DE ANIMAÇÃO *SHREK***

**GUARABIRA-PB  
2019**

**SUELLEN DA SILVA**

**FEIO É SÓ QUESTÃO DE OPINIÃO: A DESCONSTRUÇÃO DO IDEAL  
DE BELEZA NO FILME DE ANIMAÇÃO *SHREK***

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

**Área:** Literatura Infantil e Juvenil

**Orientador (a):** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosângela Neres Araújo da Silva.

**GUARABIRA-PB  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586f Silva, Suellen da.  
Feio é só questão de opinião [manuscrito] : a desconstrução do ideal de beleza no filme de animação Shrek / Suellen da Silva. - 2019.  
22 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva , Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Contos de fadas. 2. Filme de animação. 3. Desconstrução. 4. Narrativas tradicionais. I. Título  
21. ed. CDD 302.23

SUELLEN DA SILVA

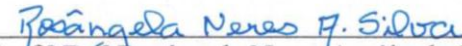
**FEIO É SÓ QUESTÃO DE OPINIÃO: A DESCONSTRUÇÃO DO IDEAL DE  
BELEZA NO FILME DE ANIMAÇÃO SHREK**

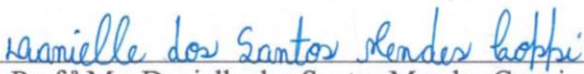
Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura Plena  
em Letras Português, da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento às exigências para  
obtenção do grau de Licenciada em Letras.

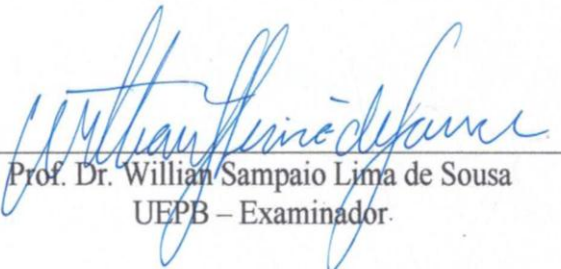
Área: Literatura Infantil e Juvenil

Aprovado em: 27 / 11 / 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosângela Neres Araújo da Silva  
UEPB – Orientadora

  
Prof.<sup>a</sup> Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi  
UEPB – Examinadora

  
Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa  
UEPB – Examinador.

*À medida que o amor cresce em você, a beleza também cresce. Pois o amor é a beleza da alma.*  
- Santo Agostinho

## SUMÁRIO

<b>1</b>	
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>9</b>
<b>2.1 O fenômeno da adaptação cinematográfica.....</b>	<b>9</b>
<b>2.2 A história dos contos de fadas.....</b>	<b>10</b>
<b>2.3 A importância dos contos de fadas na infância .....</b>	<b>11</b>
<b>2.4 A linha tênue entre beleza e feiura.....</b>	<b>12</b>
<b>3 SHREK: RELAÇÃO ENTRE O CONTO E A ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA.....</b>	<b>13</b>
<b>3.1 Shrek: análise estrutural do enredo.....</b>	<b>15</b>
<b>3.2 A desconstrução do belo no enredo de Shrek.....</b>	<b>16</b>
<b>3.3 Relação entre Shrek e A Bela e a Fera.....</b>	<b>17</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>22</b>

# FEIO É SÓ QUESTÃO DE OPINIÃO: A DESCONSTRUÇÃO DO IDEAL DE BELEZA NO FILME DE ANIMAÇÃO *SHREK*

## RESUMO

Os contos de fadas fazem parte da tradição oral da humanidade. Com o decorrer dos anos se firmaram como histórias imprescindíveis para o público infantil por serem narrativas carregadas de magia e afeto. Tradicionalmente, os contos de fadas apresentam personagens belos nos papéis de protagonistas, fato que é desconstruído no enredo da adaptação cinematográfica *Shrek*, dirigido por Andrew Adamson e Vicky Jenson. O objetivo dessa pesquisa se firma em analisar como o feio é representado na adaptação fílmica *Shrek*, a partir das personagens protagonistas. O filme de animação se estabelece como um conto de fadas por fazer alusão em sua trama a diversos contos de fadas tradicionais, dentre eles, A Bela e a Fera, o qual discutimos durante a pesquisa, estabelecendo relações de proximidade narrativa entre ambos. A metodologia da pesquisa constitui-se em um levantamento bibliográfico e como fundamentação teórica trabalhamos com os textos de Bettelheim (2002), Coelho (2000), Corso e Corso (2006), Eco (2007 e 2010), entre outros. Desenvolvida a pesquisa, concluímos que o filme de animação *Shrek* se firma como um conto de fadas ressignificado, pois rompe com os estereótipos de beleza destinados aos príncipes e princesas, apresentando elementos destoantes das narrativas tradicionais.

**Palavras-chave:** Contos de fadas. Filme de animação. Desconstrução. Narrativas tradicionais.

## ABSTRACT

Fairy tales are part of the oral tradition of mankind. Over the years they have established themselves as indispensable stories for the child audience because they are narratives loaded with magic and affection. Traditionally, fairy tales feature beautiful characters in the roles of protagonists, a fact that is deconstructed in the plot of the *Shrek* film adaptation, directed by Andrew Adamson and Vicky Jenson. The objective of this research is to analyze how the ugly is represented in the filmic adaptation *Shrek*, from the protagonist characters. The animated film is established as a fairy tale for alluding in its plot to several traditional fairy tales, among them, *Beauty and the Beast*, which we discussed during the research, establishing relationships of narrative proximity between them. The research methodology is a bibliographic survey and as theoretical foundation we work with the texts of Bettelheim (2002), Coelho (2000), Corso e Corso (2006), Eco (2007 and 2010), among others. Having developed the research, we conclude that the animated film *Shrek* establishes itself as a resignified fairy tale, as it breaks with the stereotypes of beauty intended for princes and princesses, presenting elements that are at odds with traditional narratives.

**Keywords:** Fairy Tales. Animated film. Deconstruction. Traditional Narratives.

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa trabalhar a desconstrução do ideal de beleza imposto na sociedade contemporânea através do filme de animação **Shrek**<sup>1</sup> e seu deslocamento dos contos de fadas tradicionais. Essas narrativas fazem parte da vida do ser humano pois, como afirmam Corso e Corso (2006) esses contos tornam possível habitar na fantasia, nos fazendo refletir a cerca de certos aspectos da nossa existência e, propondo também uma espécie de identificação do espectador com a ficção.

O filme *Shrek* é fruto de uma livre adaptação do livro do escritor William Steig, publicado em 1990. O livro também recebe o nome de **Shrek!**. Com lançamento em 2001, pelos estúdios DreamWorks, o longa foi extremamente aclamado ganhando o Oscar de “melhor animação” no ano posterior ao seu lançamento. O sucesso foi tanto que virou uma franquia de filmes compostos por **Shrek 2** (2004), **Shrek 3** (2007) e **Shrek para sempre** (2010), todos os filmes com a temática da aventura, fantasia e do romance, assim como são os contos de fadas.

Para delimitar o estudo, o filme analisado foi **Shrek**, o primeiro da franquia. A ficção cinematográfica traz em seu enredo a história de um ogro que salva a princesa de uma torre com a ajuda do seu fiel escudeiro *Burro*. Após várias desventuras, o casal *Shrek* e *Fiona* acabam se casando. No decorrer da animação percebemos referenciadas várias personagens das narrativas folclóricas ficcionais, porém elas são mostradas com características diferentes das que encontramos nas histórias tradicionais.

A trama promove uma ruptura com os padrões clássicos de beleza vistos nos contos de fadas até então, pois é um ogro – ser considerável feio – que exerce o papel principal nessa ficção. O príncipe encantado que se apresenta de armadura e cavalo branco é desconstruído, dando lugar a um ogro que resgata a princesa de forma um tanto diferente do habitual. Outro exemplo de quebra de expectativas é que em **Shrek** o ogro não muda sua forma, ele não vira príncipe, o amor não promove a metamorfose da fera, pelo contrário, é a princesa que se transforma<sup>2</sup> em ogra.

O filme **Shrek** traz em seu enredo diversos contos de fadas referenciados, contudo, esse presente trabalho se detém em analisar o rompimento com os estereótipos de beleza a

---

<sup>1</sup> Para melhor identificação, apresentaremos os nomes das adaptações cinematográficas e dos contos de fadas em negrito. Os nomes das personagens estarão em itálico.

<sup>2</sup> Essa metamorfose ocorre porque, na verdade, a princesa *Fiona* nasceu ogra por ser filha de um sapo. A magia feita por uma fada madrinha é para que *Fiona* torne-se bela, porém quando apaixonou-se por *Shrek* a magia é quebrada, então *Fiona* adquire sua forma original. Esse fato é explicado somente durante o filme **Shrek 2**.



partir da representação das personagens durante o enredo do longa. Também explorar as relações entre as histórias de **Shrek** e **A Bela e a Fera**.

O objetivo desse trabalho centra-se em promover a discussão a partir do filme **Shrek** sobre a importância da dissolução dos padrões de beleza impostos pela sociedade. Entendendo assim, que cada indivíduo é único e tem direito de amar e ser feliz.

Na pesquisa, inicialmente relatamos sobre o crescimento vertiginoso das adaptações de textos literários para o cinema, como é o caso do sucesso **Shrek**. Em seguida, abordamos sobre a história dos contos de fadas e logo após temos a importância desses contos no decorrer da infância. A partir desses pressupostos adentramos nas relações de beleza e feiura baseadas em Eco (2007), para assim podermos analisar como são apresentados esses conceitos dentro do filme **Shrek**.

A pesquisa constitui-se em um levantamento bibliográfico de caráter exploratório, cujo problema concentra-se em analisar o longa **Shrek** diante da ruptura com os padrões de beleza vistos tradicionalmente nos contos de fadas. Pois, em **Shrek**, o príncipe que por via de regra deveria ser belo, é um ogro, o cavalo branco é um burro falante, a princesa sofre metamorfose toda noite virando ogra. Diante dessas características notamos um caráter de desconstrução do belo, no sentido de ressignificação, de introdução de novas possibilidades e novas formas de ver a beleza nos indivíduos. A partir desses pressupostos, os aportes teóricos utilizados para dar sustentação a essa pesquisa fundamentam-se nos textos dos autores Bettelheim (2002), Coelho (2000), Corso e Corso (2006), Eco (2007) e (2010), Pelegrini (2003), dentre outros.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 O fenômeno da adaptação cinematográfica**

A sociedade contemporânea está a todo momento buscando por novidades tecnológicas, e a cultura audiovisual acompanha esse progresso seja nas narrativas de telenovela ou cinematográficas. Como afirma Pelegrini (2003), a imagem interage com o público espectador de forma própria, através de um conjunto significações visuais, assim como a palavra escrita estabelece interações significativas com o leitor.

Com a invenção das câmeras fotográficas, como explica Pelegrini (2003) foram vistas diversas transformações na produção e reprodução de culturas visuais. Assim, a representação das personagens, do espaço, do tempo, enfim, das formas estruturais de uma narrativa foram

ficando cada vez mais múltiplas, o que ocasionou a possibilidade da livre criação e interpretação de cada cineasta, ao adaptar uma obra literária para o cinema.

A adaptação do texto literário foi ganhando maior liberdade de criação ao longo das décadas, o cineasta passou a dialogar mais com a obra escrita, podendo fazer alterações de sentidos na trama por causa do fator tempo, que na indústria cinematográfica é reduzido como aborda Xavier (2003, p.62):

A fidelidade ao original deixa de ser o critério maior de juízo crítico, valendo mais a apreciação do filme como nova experiência que deve ter sua forma, e os sentidos nela implicados, julgados em seu próprio direito. Afinal, livro e filme estão distanciados no tempo; escritor e cineasta não têm exatamente a mesma sensibilidade e perspectiva, sendo, portanto, de esperar que a adaptação dialogue não só com o texto de origem, mas com o seu próprio contexto, inclusive atualizando a pauta do livro, mesmo quando o objetivo é a identificação com os valores nele expressos.

Para Xavier (2003) uma história pode ser contada de várias formas diferentes. É a partir da trama de uma obra que a fábula pode ser extraída. A adaptação pode seguir fiel ao relato literário, com todas as tramas em concordância com o original, ou o adaptador pode querer tramar a história de forma distinta, acrescentando ou retirando sentidos e/ou passagens cênicas, resgatando no filme em desenvolvimento apenas o conceito central do texto.

## 2.2 A história dos contos de fadas

Os contos de fadas como conhecemos na contemporaneidade são frutos da tradição oral europeia que perpassou o tempo, originalmente essas narrativas não foram criadas em função das crianças, elas geralmente eram contadas entre os adultos ao redor do fogo. Como afirma Kerl (2006), somente a partir do século XIX houve a criação de novas versões adaptadas, às quais passaram a serem destinadas ao público infantil, devido a fatores, como:

1. a progressiva exclusão dos pequenos do mundo do trabalho, na medida em que a Revolução Industrial criou espaços de produção separados do espaço familiar (o segundo era característico das organizações do trabalho artesanal e campesino);
2. os ideais iluministas e os novos códigos civis trazidos pelas revoluções burguesas passaram a reconhecer as crianças como *sujeitos*, com direito tanto a proteções legais específicas quanto ao reconhecimento de uma subjetividade diferenciada da dos adultos.

Segundo Corso e Corso (2006), com o decorrer dos anos, os contos de fadas foram se firmando cada vez mais dentro do universo infantil, seja em forma de livros primorosos ou edições populares, seja pela divulgação na TV ou pela indústria do cinema. Os contos de

fadas preencheram o espaço infantil com suas narrativas carregadas de magia e encantamento, como acrescenta Bettelheim (2002, p.12):

O prazer que experimentamos quando nos permitimos ser suscetíveis a um conto de fadas, o encantamento que sentimos não vêm do significado psicológico de um conto (embora isto contribua para tal) mas das suas qualidades literárias – o próprio conto como uma obra de arte. O conto de fadas não poderia ter seu impacto sobre a criança se não fosse primeiro e antes de tudo uma obra de arte.

Para o autor, os contos de fadas são vistos como obras de arte que, portanto, são passíveis de variadas interpretações e significados ao público que usufrui. Assim como a arte deve apresentar cargas de significância distintas para cada pessoa.

### **2.3 A importância dos contos de fadas na infância**

Para as crianças os contos de fadas funcionam como um espelho, os pequenos se apropriam da ficção se espelhando nas vivências boas e ruins das personagens encantadas dos contos e como elas lidam com os problemas durante a trama. Para Bettelheim (2002, p.6), os contos de fadas transmitem múltiplas mensagens formadoras de consciência para as crianças

(...) que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana, mas que se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa.

Ainda de acordo com o pensamento de Bettelheim (2002) no conto de fadas o bem e o mal são onipresentes, assim como na vida real o ser humano está propenso a ambos. A educação moral das crianças entra em pauta, quando na trama se deparam com o final dos vilões na narrativa e se convencem que fazer o mal não compensa. A criança acaba por conta própria se identificando com o herói, que apesar de sofrer por causa das maldades do vilão, no fim vence todos os percalços de forma justa e correta.

Os autores Corso e Corso (2006) afirmam que é importante o adulto apresentar os contos de fadas para a criança, pois isso estabelecerá uma interação entre ambos. Ao narrar os contos para a criança, um elo será firmado, criando assim uma espécie de diálogo entre o adulto, a criança e a história narrada.

Segundo Bettelheim (2002) não cabe ao adulto decidir qual conto a criança vai preferir escutar primeiro, quando se trata das estórias de fadas, a criança determinará seu gosto a partir de sua reação emocional, do entusiasmo que ela despertar com a narração. A começar daí, a

criança vai sempre querer ouvir determinados contos, elegerá seus prediletos porque certamente transmitem a ela significados ainda que inconscientes para a compreensão dela.

Quando se trata da carga significativa dos contos de fadas para as crianças, Bettelheim (2002) explica que é de competência da criança interpretar a história, enfrentar os problemas expostos na trama, assim sendo, ela não perderá o encantamento pela narrativa. Vejamos:

Explicar para uma criança por que um conto de fadas é tão cativante para ela destrói, acima de tudo, o encantamento da estória, que depende, em grau considerável, da criança não saber absolutamente por que está maravilhada. E ao lado do confisco deste poder de encantar vai também uma perda do potencial da estória em ajudar a criança a lutar por si só e dominar exclusivamente por si só o problema que fez a estória significativa para ela. As interpretações adultas, por mais corretas que sejam, roubam da criança a oportunidade de sentir que ela, por sua própria conta, através de repetidas audições e de ruminar acerca da estória, enfrentou com êxito uma situação difícil.

Portanto, fica a cargo da criança fazer suas próprias interpretações e tirar suas conclusões acerca dos sentimentos vivenciados com cada conto de fadas lido.

#### 2.4 A linha tênue entre beleza e feiura

Em contraste com os contos de fadas tradicionais que exibem o príncipe e a princesa como belos e bondosos, na história de **Shrek** não temos um herói garboso de armadura brilhante. *Shrek* se apresenta como um ogro, ser de pouca beleza exterior, porém, de coração generoso. Diante desse fato, o filme vem atuar no rompimento da arraigada tradição que perpetua as personagens belas e gentis como os mocinhos e mocinhas do enredo das diversas histórias encantadas que circulam entre a sociedade.

A adaptação cinematográfica do conto de William Steig prova que as personagens consideradas “feias” também podem ser benevolentes e dignas de alcançar o tão esperado “felizes para sempre”. A beleza não é representada no filme como o principal ponto de interesse para que nasça uma amizade ou amor entre os indivíduos, é possível perceber que a aparência exterior é vista apenas como mais uma característica do ser.

Segundo Eco (2007), os conceitos de beleza e feiura são relativos a determinadas culturas e aos momentos históricos das sociedades. O autor ainda afirma que, o feio não é o contrário do belo. O feio pode ser visto sob uma ótica muito mais complexa. Assim, para seguir com o estudo, Eco (2007) apresenta a seguinte conceituação:

Se examinarmos os sinônimos de *belo* e *feio*, veremos que, enquanto se considera *belo* aquilo que é grandioso, prazenteiro, atraente, agradável, garbosos, delicioso,

fascinante, harmônico, maravilhoso, delicado, leve, encantador, magnífico, estupendo, excelso, excepcional, fabuloso, legendário, fantástico, mágico, admirável, apreciável, espetacular, esplendido, sublime, soberbo; *é feio* aquilo que é repelente, horrendo, asqueroso desagradável, grotesco, abominável, vomitante, odioso, indecente, imundo, sujo, obsceno, repugnante, assustador, abjeto, monstruoso, horrível, hórrido, horripilante, nojento, terrível, terrificante, tremendo, monstruoso, revoltante, repulsivo, desgostante, aflitivo, nauseabundo, fétido, apavorante, ignóbil, desgraçoso, desprezível, pesado, indecente, deformado, disforme, desfigurado (ECO, 2007, p. 16 e19, grifo do autor)

Dentre os conceitos apresentados, notamos que a personagem *Shrek* se encaixa dentro da maioria dos sinônimos de feio. Fato que eleva a repulsa à *Shrek* por parte das outras personagens da narrativa que acabam por classifica-lo como indigno de direitos. Ao longo da história, o ogro prova seu valor demonstrando que é mais que um conceito pré-estabelecido, quando resgata a princesa e a conquista apesar e por causa dos seus defeitos e qualidades.

Sabemos que as noções do que é belo e feio transformam-se com o tempo, simultaneamente com o meio social. Então, o que podemos considerar feio nos dias atuais? Conforme Eco (2007), atualmente as pessoas convivem com o feio e o belo de forma mais harmônica do que se via há alguns séculos, porém é visível nos meios midiáticos a imposição, mesmo que velada, por meio de propagandas e anúncios tendenciosos que estimulam a hierarquia de padrões moda e beleza.

Não obstante, a sociedade atual se encontra democrática, com maiores liberdades de escolha, a exemplo temos os jovens que compartilham desses ideais de beleza, porém, também gostam de diversos ritmos musicais, maquiagens coloridas, tatuagens pelo corpo, tudo isso sem a constante inquietação de estar burlando regras sociais tecidas num fio entre o considerável belo ou feio.

Eco (2007) discorre sobre como o feio é representado atualmente nos filmes ficcionais. Seja causando prazer, no tocante a explorar o lado obscuro do ser humano quando traz em seus enredos sangue e zumbis. Seja quando o filme apresenta personagens feios, porém encantadores. Personagens esses, que acabam fascinando crianças e adultos, como é o caso do filme **Shrek**, o qual notoriamente faz sucesso com o público de todas as faixas etárias.

### **3 SHREK: RELAÇÃO ENTRE O CONTO E A ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA**

O conto **Shrek!** foi escrito por William Steig e traz em seu enredo uma história particular sobre um ogro nascido de pai e mãe feíssimos e por consequência o filho nasceu mais feio ainda: “Só de olhar, ele fazia os jacarés se esconderem de medo. Se uma cobra

bancasse a boba e o mordesse, ela entrava imediatamente em convulsão e morria” (STEIG, 2001, p.3). Certo dia, os pais de *Shrek* o lançaram para fora de casa, assim começando a saga do ogro em busca da princesa. No meio do caminho ele encontra uma bruxa que prevê o futuro e diz para *Shrek* que ele irá encontrar um burro que vai leva-lo até a morada de uma princesa feíssima, contudo para conseguir alcançar seu objetivo uma palavra mágica ele deve decorar: ‘Apfelstrudel’. No decorrer da jornada, *Shrek* assusta muita gente, até o relâmpago, o trovão e a chuva não foi páreo para o ogro.

Passando pela floresta avistou um dragão e ao invés de ficar amedrontado, *Shrek* agiu mais rápido acertando o feroz animal com o poder das suas chamas azuis. Continuando o percurso, *Shrek* encontra um burro pastando e então faz uso da palavra mágica à qual faz com que o animal torne a tagarelar levando-o em direção ao castelo da feia princesa. Chegando ao destino o ogro avista um cavaleiro de armadura que confronta-o, porém acaba sendo derrotado pelas rajadas de fogo vindas de *Shrek*. Sem mais obstáculos exteriores, o ogro adentra no castelo, contudo se depara com uma sala repleta de espelhos que refletem sua aparência feia, porém isso não entristece o jovem ogro, pelo contrário, o deixa feliz em confirmar sua fisionomia. Finalmente, *Shrek* consegue entrar no salão onde se encontrava a princesa e, enfim, declaram-se um ao outro de uma forma um tanto incomum:

Disse *Shrek*:  
 “Oh, que horrorosa tu és  
 Com os teus lábios azuis,  
 Teus olhos inchados  
 Parecem cheios de pus!  
 Tu já sabes que te amo  
 E sabes até por quê,  
 É que não há nesse mundo  
 Princesa mais feia que vosmecê!”

Disse a princesa:  
 “Teu nariz é tão peludo,  
 Como tu és bexiguento!  
 A nossa história tem tudo  
 Para acabar em casamento!” (STEIG, 2001, p.28, grifo nosso)

Como vemos, o conto **Shrek!** se apresenta bastante distinto em comparação a adaptação cinematográfica. O longa dos estúdios Dreamworks é carregado de elementos dos contos de fadas, sem contar que o ogro não apresenta poderes de exalar fogo pela boca, a presença do pai e da mãe de *Shrek* não é mencionada em momento algum. A grande diferença entre ambos é, que no filme, a princesa nomeada por *Fiona* toda noite passa por um processo de metamorfose, durante o dia de uma forma e a noite de outra; tornando-se uma linda princesa ao amanhecer, em contrapartida, uma jovem ogra ao pôr do sol. No conto esse fato

não é apresentado, pois nele, tanto *Shrek* quanto *Fiona* são criaturas feias e causam medo nas pessoas.

### 3.1 Shrek: análise estrutural do enredo

O filme **Shrek** exibe características estruturais de contos de fadas por fazer ao longo da narrativa referência a várias histórias encantadas e popularmente conhecidas. Dentre elas, temos **A Bela Adormecida**, **Branca de Neve e os Sete Anões**, **A Bela e a Fera** e tantas outras que aparecem no decorrer do longa. Porém, como peculiaridade do filme, essas personagens aparecem referenciadas de maneira desconstruída, de forma até cômica ao fugir do padrão tradicionalmente conhecido dos contos de fadas, o qual geralmente vai de encontro com histórias de mocinhas ingênuas esperando pelo resgate do belo príncipe encantado.

De acordo com Coelho (2000) a estrutura narrativa dos contos de fadas permite cinco invariantes que permanecem sempre presentes nos contos, são elas: aspiração, viagem, obstáculos, mediação auxiliar e conquista. São a partir dessa invariantes que as histórias se desenvolvem por intermédio de inúmeras variantes.

Diante dessas invariantes propostas por Coelho (2000), analisaremos como se desenvolve as variantes dentro do enredo do filme **Shrek**.

Invariantes	Variantes <sup>3</sup>
Aspiração	Acontece quando <i>Shrek</i> decide reivindicar ao vilão, <i>Lorde Farquaad</i> , seu direito pelo pântano, que é sua casa e que fora invadido por criaturas dos contos de fadas.
Viagem	Para obter seu lar de volta, <i>Shrek</i> faz um acordo com o <i>Lorde Farquaad</i> , no qual consiste no resgate da princesa <i>Fiona</i> presa em um castelo.
Obstáculos	O obstáculo pode ser visto quando <i>Shrek</i> chega ao castelo e se depara com o dragão que guarda a donzela.
Mediação auxiliar	A mediação acontece de forma natural, através do sentimento que cresce entre <i>Shrek</i> e <i>Fiona</i> no decorrer de toda a jornada de volta para o reino de Duloc <sup>4</sup> . Ambos se apaixonam e a princesa se transforma em ogra, assim como <i>Shrek</i> .

<sup>3</sup> Quadro de variantes elaborado pela autora da pesquisa.

<sup>4</sup> Reino onde habita o Lorde Farquaad, o pretendente de Fiona.

Conquista	É claramente o ‘felizes para sempre’ que é obtido através do casamento das personagens. No caso do longa <b>Shrek</b> , a célebre frase foi desconstruída por se tratar de um casal de ogros: ‘eles viveram feios para sempre’.
-----------	---

### 3.2 A desconstrução do belo no enredo de Shrek

Em **Shrek** temos o desabrochar de uma história de amor, baseada não no amor à primeira vista, – como vemos em certos contos de fadas tradicionais – e sim, na beleza da conquista diária, no companheirismo, na partilha de experiências.

No primeiro encontro de *Shrek* e *Fiona* é interessante observar a ruptura com os padrões de romantismo quando a princesa espera ansiosa que o seu salvador siga todo o ritual tradicional do beijo do amor verdadeiro e das declarações poéticas, porém o herói *Shrek* não corresponde a nenhuma dessas expectativas, como vemos no seguinte diálogo:

*Shrek*: Acorda!

*Fiona*: O que?

*Shrek*: Você é a princesa Fiona?

*Fiona*: Eu sou sim. Aguardando um cavaleiro corajoso que venha me salvar.

*Shrek*: Ah, legal. Agora vamos!

*Fiona*: Esperei, cavaleiro! Encontramo-nos, finalmente! Não deveria este ser um momento maravilhoso, romântico?

*Shrek*: É, desculpe madame, não temos tempo!

*Fiona*: Espere! O que está fazendo? Vós devíeis me tomar em vossos braços, pular pela janela, e descer por uma corda até a vossa bela montaria.

*Shrek*: Teve muito tempo para planejar isso, não teve?

*Fiona*: Hum hum. Mas, nós devemos viver este momento. Você poderia recitar um poema épico para mim, ou um cançãoeiro, um soneto, uma estrofe, qualquer coisa!

*Shrek*: Eu acho que não!<sup>5</sup>

No entanto, com o decorrer do filme e das aventuras pelas quais passam as personagens é notável como o sentimento amoroso vai nascendo pouco a pouco entre *Shrek* e *Fiona*, o que torna a ficção mais parecida com os relacionamentos reais. Fato que atrai ainda mais o público de todas as idades, porque se identificam com a forma como a trama é contada.

Diante disso, concordamos que o amor é o fio condutor dos contos de fadas, assim como afirma Bettelheim (2002) o indivíduo anseia ser amado e valorizado, o amor contribui na construção de uma verdadeira ligação afetiva com outro indivíduo, trazendo assim, a sensação de estabilidade. Como vemos a seguir:

---

<sup>5</sup> Shrek, 2001



Os contos ensinam que quando uma pessoa assim o fez, alcançou o máximo em segurança emocional de existência e permanência de relação disponível para o homem; e só isto pode dissipar o medo da morte. Se uma pessoa encontrou o verdadeiro amor adulto, diz também o conto de fadas, não necessita desejar vida eterna. (BETTELHEIM, 2002, p.11)

No longa **Shrek**, variados são os pontos nos quais os esteriótipos de beleza dos contos tradicionais são desconstruídos. A começar, a personagem principal é um ogro, animal que costumeiramente é visto como figura assustadora nas histórias encantadas. Corso e Corso (2006, p.146) descrevem esse tipo de personagem

[...] os ogros e os gigantes. Eles são enormes, brutais, desprovidos de caráter, possuem bens preciosos, roubados de alguém, e adoram uma criança tenra em qualquer refeição. Nas histórias infantis, eles são indiferenciados, podendo ser um ou outro, até porque são muito similares.

Esse conceito em nada se parece com a personalidade de *Shrek*, pelo contrário, o ogro se torna herói e conquista a princesa *Fiona* por causa da sua amabilidade e bom caráter. Como atesta Eco (2010) não percebemos a beleza apenas por meio dos sentidos, se faz necessário enxergar as qualidades da alma e do caráter de um indivíduo através dos olhos da mente. Só desse modo, conseguimos perceber a real beleza do ser.

Outra quebra de paradigmas se dá pelo fato que o antagonista, *Lorde Farquaad*, é representado como uma personagem rica em bens materiais, porém, desprovido de coragem, verdade que é comprovada quando ele designa *Shrek* para resgatar a princesa *Fiona* em seu lugar. Além de não ser corajoso, ao vilão também falta o atributo da beleza exterior, principalmente por causa da sua baixa estatura que se assemelha a de duendes.

É perceptível notar mais uma quebra de padrões instituídos de beleza quando, em **Shrek**, o belo cavalo branco tão superestimado e companheiro dos príncipes encantados nos contos de fadas é substituído pela personagem *Burro*, que é um animal pouco considerado socialmente. Esse, assume um papel demasiado importante, pois, se torna amigo de *Shrek* e auxilia no resgate da princesa.

Para Eco (2010, p.133) “embora existam seres e coisas feias, a arte tem o poder de representa-los de modo belo, e a Beleza (ou pelo menos a fidelidade artística) dessa imitação torna o feio aceitável.” A exemplo de concordância, temos as personagens *Shrek*, *Fiona* e *Burro*, às quais pelos padrões dos contos de fadas tradicionais são vistos como criaturas feias e temíveis, porém, quando representados pela arte tornam-se admiráveis, proporcionando ao público telespectador uma espécie de identificação com relação a essas figuras.

### 3.3 Relação entre Shrek e A Bela e a Fera

Dentre os vários contos de fadas referenciados no filme **Shrek**, temos **A Bela e a Fera**. A narrativa oriunda de 1756, versão escrita por Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, conta a história de uma moça inteligente e bondosa que por amor ao pai escolhe viver com uma fera. *Bela* se oferece para ser prisioneira da *Fera* no lugar de seu velho pai. A *Fera*, na verdade, é um príncipe que sofreu uma maldição à qual só poderia ser revertida se, com aquele aspecto animalesco uma moça se apaixonasse por ele. Com *Bela* morando no castelo da *Fera*, os dois acabaram por se apaixonar um pelo outro. Porém, *Bela* sentia muitas saudades do pai, logo, por amor, a *Fera* deixou *Bela* partir. Em casa, junto com seus familiares a moça descobriu que sentia falta da *Fera*, então resolveu voltar para o castelo. Quando lá chegou, encontrou sua fera morrendo e, enfim, percebeu que o amava.

*Fera*: “Você esqueceu sua promessa. A dor de perde-la me fez decidir morrer de fome. Mas morro contente, pois tive o prazer de revê-la mais uma vez.”

*Bela*: “Não, meu caro, não vai morrer,” respondeu *Bela*. “Vai viver para se tornar meu esposo. Desde já lhe concedo minha mão, e juro que pertencerei somente a você. Ai de mim, acreditava que era só amizade, mas a dor que sinto demonstra que não poderia viver sem a sua presença.” (BEAUMONT, 2010, p.116, grifo nosso)

Nesse momento, a maldição é quebrada com o monstro transformando-se num belo príncipe. Os dois se casam e vivem felizes para sempre.

A presença da magia é um elemento marcante no conto **A Bela e a Fera**, o fato do príncipe ser amaldiçoado por uma bruxa remete a presença do bem e do mal na história. O agente maléfico, nesse caso, é a bruxa que como afirma Coelho (2000) atua no conto como o oposto das fadas, pois enquanto as fadas contribuem para o futuro e felicidade das personagens, as bruxas interrompem essa expectativa de futuro, privando os amaldiçoados de certas realizações existenciais até que o encanto seja quebrado, geralmente pela força do amor verdadeiro.

Assim como em **A Bela e a Fera**, temos em **Shrek** a presença do encantamento que atormenta a vida da personagem *Fiona* até que seja anulado pelo poder do amor. O encantamento em ambas histórias assemelha-se pela presença da metamorfose pela qual passam as personagens, tanto *Fera* quanto *Fiona* sofrem transformações em seus corpos para que mudem adquirindo uma aparência feia.

Coelho (2000) relata que dentro dos contos de fadas as personagens encantadas geralmente são transformadas em animais por causa de antigas crenças às quais pregavam que seres anormais teriam maiores poderes de destruição na vida social do homem. A autora ainda

discorre que são normalmente as mulheres que conseguem quebrar o encanto dos seres metamorfoseados, caso que acontece em **A Bela e a Fera** e difere no filme **Shrek**, pois nesse a ordem é invertida, o ogro temido não é o amaldiçoado, e sim, a bela princesa trancafiada num alto castelo.

Outro aspecto semelhante é o fato das personagens que sofrem metamorfose tentarem a todo custo esconder a transformação pela qual sofrem. No filme **Shrek**, *Fiona* aproveita o dia enquanto está sob a aparência de princesa, porém, se refugia ao pôr do sol para esconder sua forma de ogra. Já no conto **A Bela e a Fera**, a personagem enfeitada vive em isolamento máximo dentro do seu castelo por ser temido pela sociedade por causa da sua figura animalésca e também porque seu encantamento permanece durante todo o dia, o que difere da personagem *Fiona* que transforma-se apenas ao cair da noite.

Assim como **Shrek**, o conto **A Bela e a Fera** também foi adaptado para o cinema, ocorrendo algumas transformações. No filme, não foi só a *Fera* a ser encantada, os criados que viviam no castelo também sofreram metamorfoses, virando objetos como relógio, xícaras, guarda roupa, todos de acordo com as funções que desempenhavam quando eram humanos. Esses objetos encantados atuam como amigos da *Fera*, os quais ajudam-no a conquistar *Bela* no decorrer do filme.

Já em **Shrek**, temos um animal falante atuando como fiel escudeiro do ogro, *Burro* desempenha papel fundamental no resgate da princesa *Fiona* e também atua como cupido do casal. Como podemos ver nesse fragmento de um diálogo do *Burro* com a princesa *Fiona*:

*Burro*: Princesa, e se você não se casar com o *Farquaad*?

*Fiona*: Mas só o beijo do meu verdadeiro amor quebrará o encanto.

*Burro*: Mas você é um pouco ogro. E o *Shrek*... Bem, vocês têm muito em comum.

*Fiona*: *Shrek*?<sup>6</sup>

A partir dessa conversa a princesa *Fiona* começa a refletir sobre os seus sentimentos por *Shrek*, considerando talvez, que apesar de ogro ela poderia amá-lo.

Como todo bom conto de fadas apresenta personagens bons e maus, o toque de vilania na adaptação cinematográfica de **A Bela e a Fera** é dado pelo belo *Gaston*, um jovem prepotente e orgulhoso que com sua beleza conquista todas as moças da região, no entanto, *Bela* é a única que ele deseja, porém ela o rejeita. A beleza da personagem *Gaston* entra em contraste com a feiura da *Fera*, demonstrando que de nada importa o exterior belo do rapaz,

---

<sup>6</sup> Shrek, 2001

mas sim o interior, o bom caráter e o coração generoso, características positivas encontradas na *Fera*.

A beleza como afirma Eco (2010) vai além do desejo de possuir, do ciúmes, da inveja, a beleza é contemplativa, nos deixa felizes mesmo quando não possuímos a coisa considerada bela. Como é o caso da *Fera*, quando deixa *Bela* partir para rever sua família, ele demonstra beleza em seu ato altruísta.

Em **Shrek**, a vilania aparece representada pela personagem *Lorde Farquaad*, o qual apresenta algumas características semelhantes às de *Gaston*, como o orgulho e a arrogância. Todavia, apesar de ser um nobre, *Lorde Farquaad* é um homem feio e de baixa estatura física que está em busca de uma princesa para conseguir se tornar rei de Duloc, reino que habitam as personagens. É o pequeno lorde que manda *Shrek* partir em busca da princesa *Fiona*, sob a paga de que as criaturas dos contos de fadas deixariam de viver no pântano do ogro. Quando o vilão descobre que *Fiona* transforma-se em ogra e que ela está apaixonada por *Shrek*, ele manda prender o casal de ogros que conseguem a liberdade com a ajuda do *Dragão* que guardava a princesa na torre mais alta do castelo. Eis que temos mais uma desconstrução dos padrões dos contos de fadas, o *Dragão* que deveria ser cruel e feroz acaba por salvar *Shrek* e *Fiona* da tirania do *Lorde Farquaad*.

A notável diferença entre os filmes é que em **Shrek** o príncipe não se transforma em um belo rapaz, como em **A Bela e a Fera**, pelo contrário, a princesa é que adquire de vez sua forma de ogra. O longa **Shrek** prova que os feios também têm o direito de amar, a aparência não é o fator primordial para ocorrer a aproximação do casal. O filme vem quebrar antigos paradigmas que delegavam aos personagens feios dos contos tradicionais os papéis de vilões ou bruxas.

O feio coexiste junto ao belo e de acordo com Eco (2010, p.131) é uma concepção cultural, pois, “aos olhos de um ocidental contemporâneo certos fetiches, certas máscaras de outras civilizações parecem representar seres horríveis e disformes, enquanto para os nativos podem ou podiam ser representações de valores positivos.” Assim, um objeto ou indivíduo pode ser belo para uma cultura e não ser para outra.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adaptação cinematográfica **Shrek** pode ser vista como um conto de fadas por conter elementos mágicos em seu enredo. Porém, é um conto de fadas às avessas por inovar, saindo da zona de conforto de representação dos príncipes encantados e das princesas ingênuas.

No longa, as personagens características das histórias encantadas são apresentadas de modo contrário do habitual: príncipe/ogro; princesa/feia; cavalo branco/burro; bruxa/ dragão afetuoso. Portanto, vemos a desconstrução acontecer, não no sentido de destruição dos padrões das narrativas tradicionais, mas sim, de dar novos significados a trama, na apresentação de novas formas e possibilidades de ler/ver os contos de fadas.

Para as crianças os contos de fadas são histórias pelas quais elas se espelham, atribuindo valorações negativas ou positivas como afirma Coelho (2000) quando afirma que a criança se identifica com os heróis das histórias encantadas não por geralmente serem belos e bons, mas por transmitirem a sensação de segurança, bondade e beleza mediante suas ações.

Desse modo, a identificação da criança por essas histórias encantadas se dá através de boas atitudes das personagens que inspiram coragem, também pela determinação ao conseguirem contornar situações difíceis dentro da trama e pela bondade com os outros, tudo isso conspira para que cheguem ao tão esperado final feliz.

De acordo com Eco (2007) durante o decorrer da história da humanidade os excluídos e marginalizados carregaram o estigma da maldade em seus corpos por causa da concepção preconcebida que diz “quem é feio é mau por natureza”. Contudo, no filme **Shrek** essa ideia não se sustenta, as personagens não são caracterizadas como boas ou más<sup>7</sup> segundo seus níveis de beleza. Pelo contrário, os protagonistas *Shrek* e *Fiona* e também o vilão, *Lorde Farquaad* são mostrados como feios.

Eco (2010, p.275) afirma que “aquilo que é belo é definido pelo modo como nós o aprendemos, analisando a consciência daquele que pronuncia um juízo de gosto.” Logo, a beleza é subjetiva, como nos mostra o filme **Shrek** quando traz novas possibilidades de representação das personagens, demonstrando que os feios podem ser protagonistas de suas próprias histórias. Rompendo também com a tradição dos feios sendo representados somente como os vilões das histórias encantadas.

Assim, em *Shrek* é possível identificar a desconstrução das narrativas infantis e a construção de um novo conto de fadas baseado na ressignificação dos padrões de beleza impostos pela sociedade.

---

<sup>7</sup> Somente em **Shrek 2**, somos apresentados a personagens más que são belas como é o caso do *Príncipe Encantado* e a *Fada Madrinha* (que geralmente são bons nas histórias infantis). Mais uma vez, desmistificando o cenário dos contos de fadas tradicionais.

## REFERÊNCIAS

BEAUMONT, Jeanne-Marie Leprince de. A Bela e a Fera. In: **Contos de Fadas: de Perrault, Grimm, Andersen e outros/ apresentação Ana Maria Machado; tradução Maria Luiza X. de A. Borges**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 95-118.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 16ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ECO, Umberto. **História da beleza**. Tradução de Eliane Aguiar. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ECO, Umberto. **História da feiúra**. Tradução de Eliane Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

KERL, Maria Rita. A criança e seus narradores. In: CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 13-18.

PELEGRINI, Tânia. Narrativa verbal e narrativa visual: possíveis aproximações. In: \_\_\_\_ (org). **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003, p.15-35.

SHREK. Direção de Andrew Adamson e Vicky Jenson. Produção de Jeffrey Katzenberg, Aron Warner e Jonh H. Williams. EUA: DreamWorks SKG/Pacific Data Images, 2001. 1 DVD.

SHREK 2. Direção de Andrew Adamson, Kelly Asbury e Conrad Vernon. Produção de Jeffrey Katzenberg, David Lipman, Aron Warner e Jonh H. Williams. EUA: DreamWorks SKG/Pacific Data Images, 2004. 1 DVD.

STEIG, William. **Shrek!** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2001.

XAVIER, Ismail. Do texto ao filme: A trama, a cena e a construção do olhar no cinema. In: PELEGRINI, Tânia. **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003, p. 61-89.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me guiar e não me deixar desistir durante toda a árdua jornada do curso.

Aos meus pais, esses exemplos de seres humanos que sempre lutaram para me oferecer o melhor que conseguiram. Se tenho essa base tão sólida de valores, devo totalmente a eles. Amo-os incondicionalmente.

Às minhas colegas de trabalho que me deram força nos momentos que pensei que não iria conseguir.

Aos meus colegas de curso, por todos os momentos vividos durante esses anos que passamos estudando juntos.

À minha orientadora, professora Rosângela Neres, por aceitar me orientar nesse trabalho e pela confiança e estímulo depositados.

A todos os meus professores do Curso de Letras-Português, por todos os conhecimentos compartilhados.

Aos componentes da Banca Examinadora deste trabalho, pela disponibilidade e contribuição.

Enfim, a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização desta pesquisa.

Meu mais sincero, muito obrigada!